

O CINEMA VAI Á ESCOLA

THE CINEMA GOES TO THE SCHOOL

Cristiane Bondan Rampazzo³⁸

Henrique Bondan Rampazzo³⁹

Recebido em 31 de março de 2025

Aceito em 30 de abril de 2025

Resumo:

Esse artigo busca demonstrar como a utilização de uma obra cinematográfica em sala de aula pode favorecer a interdisciplinaridade e o processo de ensino-aprendizagem, englobando professores e alunos em atividades diversas. Trata-se de uma forma de tornar a sala de aula um espaço mais atraente e motivador da busca pelo conhecimento. Nesse caso, faz-se a utilização de um filme cuja trama se passa na Idade Média.

Palavra-chave: Cinema. Ficção. História. Idade Média. Sala de Aula.

Abstract:

This article seeks to demonstrate how the use of a film in the classroom can favor interdisciplinarity and the teaching-learning process, involving teachers and students in different activities, as a way of making the classroom a more attractive and motivating space for the search for knowledge. In this case, a film whose plot takes place in the Middle Ages is used.

Keyword: Cinema. Fiction. History. Middle Ages. Classroom.

Introdução

Das atribuições as quais o cinema está vinculado, há, dentre inúmeras outras, a manifestação artística, a sua consolidação enquanto indústria comercial e cultural, a sua estreita relação com o entretenimento e o lazer. No presente artigo, o foco é o cinema como representação social, fonte histórica e prática pedagógica, o que remete à Pereira (2025), quando destaca o cinema “não apenas como um veículo de mobilização sensorial, mas também como uma ferramenta de transformação do olhar”, e afirma: “O cinema é capaz de capturar e interpretar diferenças culturais por meio de sua própria materialidade sensível” (PEREIRA, 2025).

³⁸ Mestre em História (2023), Universidade de Caxias do Sul (UCS). Orcid: 0000-0003-4724-5024.

³⁹ Mestre em História (2022), Universidade de Caxias do Sul (UCS). Doutorando em História (2022), Universidade de Coimbra (UC). Orcid: 0000-0002-9164-3911.

O cinema, pois, vai muito além da apresentação de imagens ou filmes em tela; desde sua criação, vem despertando interesse e encantamento nas pessoas, criando memórias, e sendo utilizado de formas diversas pelos telespectadores. Resultado de sua aceitação, evoluiu e se tornou uma poderosa indústria de entretenimento, que gera muitos empregos – direta ou indiretamente –, sejam eles autores e roteiristas, atores, produtores, diretores ou técnicos diversos.

Mais recentemente, com o surgimento da Nova História Cultural, que implementou novas abordagens historiográficas e ampliou o conceito e a utilização de fonte histórica, vídeos e cinema passaram a ser entendidos também como fonte para estudos (MORÁN, 1995), sendo utilizados, também, como ferramenta pedagógica em sala de aula.

O contexto escolar, por sua vez, sofreu mudanças consideráveis com o passar dos anos. Os modos de ensinar e aprender sofreram transformações, assim como o papel dos professores em sala de aula. Com a utilização das novas tecnologias, faz-se necessário que os docentes inovem em suas práticas pedagógicas, tornando as aulas mais dinâmicas e atrativas para os alunos. Nesse sentido, tem sido cada vez mais frequente a utilização de vídeos, séries, filmes em sala de aula (NAPOLITANO, 2003).

A estrutura do presente artigo está dividida em introdução, o primeiro capítulo, que aborda a história do cinema; um segundo, que trata do uso do cinema em sala de aula como ferramenta pedagógica, e o terceiro capítulo, onde se faz a análise de uma obra fílmica que se passa na Idade Média, demonstrando o que é realidade ou ficção nela. Seguem então, as considerações finais e as referências.

1 Cinema: primórdios e desenvolvimento

No debate sobre a autoria da invenção do cinema, há os que considerem o norte-americano Thomas Edison como seu inventor, visto ter criado, em 1890, o Cinetoscópio, onde era possível assistir a filmes de até 15 minutos. Porém, outros delegam aos franceses, os irmãos Lumière, que em 1895, o aperfeiçoaram o aparelho de Edison, criando, assim, o Cinematógrafo (AIC, 2023).

A partir de então, têm início diversos estudos e criações que vão impulsionar e disseminar o cinema mundialmente. No início, os filmes eram mudos e em preto e branco, época que tem em Charles Chaplin seu grande expoente, sendo que os primeiros filmes falados apareceram no final da década de 1920, tornando o cinema ainda mais atraente para o público.

Além do grande impulso da fala, no final da década de 1930, começam a ser produzidos filmes coloridos, o que tornou possível dar mais visibilidade às películas. Sobre a introdução das cores, pode-se afirmar que “não apenas enriqueceu a estética cinematográfica, mas também abriu novas possibilidades criativas para cineastas explorarem a profundidade emocional das histórias contadas na tela” (AIC, 2023).

Com o passar dos anos, a evolução tecnológica atingiu também a forma de confeccionar os filmes, pois estes passaram a ser feitos com recursos mais modernos e digitais, proporcionando melhores estética e definição aos espectadores. Pode-se mencionar, portanto, sem ressalvas, que o cinema tem evoluído, acompanhando o contexto global, e realiza obras fílmicas que, apesar dos streamings⁴⁰, continuam levando o público para as salas de cinema.

Por fim, como exemplo da importância generalizada da sétima arte, tem-se a multitude de eventos cuja missão é analisar e premiar obras cinematográficas. Dentre eles estão as Mostras e os Festivais de Cinema, que contam com a participação tanto de técnicos no assunto como leigos, e envolvem milhares de interessados. Dentre alguns exemplos mais conhecidos, pode-se citar o “Festival do Oscar”, o “Festival de Cinema de Cannes”, o “Festival Internacional de Cinema de Berlim”, o “Festival de Cinema de Gramado”, a “Mostra Internacional de Cinema de São Paulo”, a “Mostra Internacional de Arte Cinematográfica de Veneza”, entre outros.

⁴⁰ “Streaming é a tecnologia instantânea que permite assistir a vídeos e escutar música sem a necessidade de download. Ou seja, a transmissão de dados de áudio ou vídeo é feita em tempo real do servidor para o dispositivo, como celular, notebook ou smart TV”. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/guia/2023/09/o-que-e-streaming-saiba-o-que-significa-e-quais-plataformas-existem-streaming.ghtml>. Acesso em: 05 fev. 2025.

2 Cinema e Educação – o Cinema vai à Escola

Nos dias atuais, faz-se necessário que as instituições de ensino busquem, cada vez mais, se adequar à realidade social, para evitar a evasão escolar e motivar o aluno a ficar em classe, visto que as novas tecnologias digitais disponíveis podem, por vezes, ser mais atraentes para o estudante do que uma sala de aula tradicional, que amiúde, pode ser monótona e não prender a atenção do estudante e, assim, acabar por não cumprir seu objetivo na aprendizagem.

No intento de sempre aprimorar o ensino, é preciso que as instituições escolares invistam na infraestrutura e também na qualificação do quadro funcional, ou seja, principalmente do professor, que deve possuir habilidades e conhecimentos para além dos tradicionais, saber utilizar as novas tecnologias em prol da educação, o que nem sempre é fácil, visto que, quando esses fizeram suas graduações e licenciaturas, geralmente não tiveram instruções específicas no campo das tecnologias.

O professor precisa demonstrar aos alunos que não é o detentor de todo o conhecimento, que ensina e também aprende, e pode quebrar a rotina da aula surpreendendo o aluno com novas formas de ensinar, sendo um mediador do conhecimento. A utilização de outros métodos em sala de aula, que diversificam e utilizam novas fontes para os estudos, não somente o livro didático é um instrumento eficaz nesse contexto.

Dentro dessa percepção de aprendizagem com a utilização de variados recursos didáticos, pode-se elencar a utilização de imagem, som, achados arqueológicos etc. Nessa perspectiva, é possível fazer uso de fotografias, pinturas, esculturas, jornais, revistas, games, séries televisivas, filmes, podcasts, arquivos históricos, e tantos mais. O importante é que sejam utilizados de forma adequada e bem mediada por um profissional que buscou atualizar sua metodologia, proporcionando outras formas de ensinar e aprender.

Tendo como foco principal a utilização de filmes em sala de aula, mais especificamente nas aulas de História, acredita-se que esses são ferramentas pedagógicas e interdisciplinares que, se forem bem utilizadas e trabalhadas na perspectiva da narrativa histórica, podem representar uma boa opção para a

construção do conhecimento, uma vez que, de acordo com Ferro (1995, p. 203), “o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é história”.

A utilização de obras fílmicas em aulas de História até não é recente; a diferença reside na forma como são aplicadas. É preciso uma pesquisa prévia sobre o tipo de filme a ser exibido, quais as perspectivas históricas estão ali representadas, a faixa etária da obra e dos alunos. Ademais, segundo Napolitano (2003), “deve-se conhecer a cultura cinematográfica da classe; quais seus gostos, suas preferências, seu conhecimento de técnicas de produção das obras da sétima arte” (*apud* RADUNZ; RAMPAZZO, 2021, p. 187).

É importante que, para além do entretenimento, o filme seja uma forma de fomentar o conhecimento e o pensamento crítico do estudante, atendendo, assim, a um dos requisitos dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de História, pois, dentre outros,

é tarefa do professor criar situações de ensino para os alunos estabelecerem relações entre o presente e o passado, o particular e o geral, as ações individuais e coletivas, os interesses específicos de grupos e as articulações sociais. (BRASIL, 1998, p. 77).

Por fim, antes de passar para a apresentação e debate do filme a ser analisado, vale inferir que há inúmeras opções de escolha, pois existem produções fílmicas que atendem aos mais diversos interesses, gostos e idades. Conforme Capelatto (2007, p. 9),

desde o seu nascimento, no final do século XIX, o cinema produziu incontáveis filmes que tomam o passado como inspiração para seus temas e roteiros. Depois de mais de cem anos de história do cinema, não há, praticamente, época, civilização, tema histórico, herói antigo ou moderno que não tenham sido encenados nas telas.

3 (In)Veracidades no filme “Cruzada”

Se a Idade Média (476-1453) foi um período que sofreu com guerras, doenças, pestes, também foi onde surgiram as universidades e muitos avanços científicos e tecnológicos (LE GOFF, 1980). Ela encanta até hoje por suas fábulas, castelos, histórias de reis e rainhas, cavaleiros. O resultado desse fascínio pode

ser traduzido na grande quantidade de livros, filmes e séries, feiras, e jogos virtuais que têm no Medievo sua inspiração.

A obra escolhida para estudo é uma produção do ano de 2005, cujo título é “Cruzada”. Busca-se, a partir da análise de alguns trechos, verificar o que contém de verossímil ou não, uma vez que o cinema, produtor uma obra de ficção e não tendo compromisso com a veracidade dos fatos, muitas vezes difunde acontecimentos que não correspondem à realidade histórica. Assevera Rampazzo (2022):

filmes e seriados com ambientação medieval permeiam cada vez mais a cultura popular do mundo contemporâneo; grandes sucessos de bilheteria e crítica, eles atraem multidões que, contudo, tomam muitos dos aspectos mais realistas dessas obras como verídicos, apesar de elementos obviamente fantásticos. A falta de análise acerca de tais verossimilhanças prejudica constantemente o conhecimento histórico.

Apesar de já ter passado vinte anos desde seu lançamento, justifica-se sua escolha para análise nesse artigo, visto que, além de estar disponível em streammer, ainda ser passado periodicamente na televisão aberta, que continua a ser um dos principais meios de veiculação de mídia no Brasil, um país cheio de desigualdades.

O filme foi lançado apenas quatro anos após os ataques às torres gêmeas em Nova York, nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001, portanto, no contexto da guerra ao terror deflagrada pelo então presidente George W. Bush. Esse atentado demonstrou, entre outros pontos, que os Estados Unidos tinham fragilidades, não era invencíveis tal como se fizeram representar desde a Guerra Fria.

O filme, por sua vez, busca mostrar que essa é uma luta ancestral e não tem a preocupação de realmente representar a Idade Média, mas, sim, a ideia do Ocidente Cristão contra o Oriente Muçulmano, de modo que, em detrimento da veracidade histórica, o diretor passa a ideia de uma moralidade do começo do século XXI, compreendendo, segundo os parâmetros contemporâneos, que ambos os lados podem ser bons e ruins ao mesmo tempo. Transpõe-se, assim, o tempo do diretor no passado. Corrobora essa afirmação Rampazzo (2022, p. 61), ao descrever que “... as marcas impressas sobre o passado pela sociedade

que produziu o filme ou seriado – elas dizem mais sobre quem confeccionou a obra do que sobre o período tratado”.

“Cruzada” – ou *Kingdom of Heaven* no original, dirigido pelo britânico Ridley Scott, é o objeto de análise desse estudo. A obra tem duração de 144 minutos, e é classificada como de ação/aventura, tendo seu início no ano de 1184. Situa-se, portanto, entre a segunda (1147-1149) e a terceira cruzadas (1189-1192). Apesar de ser uma obra de ficção, conta a história de algumas pessoas que realmente existiram, como Balian, a rainha Sibylla, o rei Balduíno IV, porém, a narrativa nem sempre é fiel à História conhecida dessas personagens.

No filme é contada a história de um jovem ferreiro – Balian – residente numa vila no interior da França, cujo filho faleceu acometido por uma doença, e sua esposa, não suportando a perda, cometeu suicídio. Logo após o ocorrido, ele recebe a visita de um cavaleiro, Godfrey de Ibelin, que revela ser seu pai e convida-o para acompanhá-lo em sua ida até Jerusalém. Católico, Balian sente na pele o estigma de ter na família um suicida, uma vez que a doutrina da igreja condenava veementemente tal fato, o que resultava, também, em estigma social.

O convite foi inicialmente negado, mas, posteriormente, o ferreiro parte ao encontro de seu recém-conhecido pai, que era um barão, e, com a sua morte, herda título de nobreza e terras em Jerusalém, onde permanece com o objetivo de ajudar a manter a paz no reino. A personagem de Balian se apaixona pela rainha Sibylla⁴¹, que é irmã do rei leproso Balduíno IV, e casada em segundas núpcias com Guy de Lousignan.

Posto que, na época, cristãos e muçulmanos conviviam em relativa harmonia na região, a guerra não tardou a chegar, e Balian, que luta pelo rei até

⁴¹ Sibylla (ou Sibila) – nascida em 1160 e falecida em 1190 em Jerusalém; filha de Almarico I, rei de Jerusalém (r. 1162-1174), e Inês de Courtenay (1136-1186); irmã de Balduíno IV, rei de Jerusalém (r. 1174-1183); casada com Guilherme de Montferrat, conde de Jaffa e regente de Jerusalém, em 1176 (morto em 1180); casada com Guy de Lousignan, mais tarde rei de Jerusalém (r. 1186-1192), em 1180; filhos: (primeiro casamento) Balduíno V (n. 1179), rei de Jerusalém (r. 1185-1186); (segundo casamento) duas filhas, nomes desconhecidos, que morreram em 1190. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/women/encyclopedias-almanacs-transcriptsand-maps/sibylla-1160-1190>. Acesso em: 13 dez. 2024.

sua morte, escapa às tentativas de assassinato de Guy, e se torna protetor de Jerusalém quando este é capturado; eventualmente é derrotado por Saladino, e faz um acordo de salvo-conduto para os cristãos na cidade, retornando à França na companhia da não mais rainha, Sibylla.

É primordial que essa produção do cinema, quando utilizada em sala de aula, seja vista como uma obra de ficção, apesar de conter alguns fatos e personagens históricos. Assim sendo, o aluno deve, através de estudos e orientação do professor, perceber e diferenciar o que é verossímil ou não, de acordo com os estudos históricos sobre a época e as personagens ali representadas.

No que se refere ao protagonista do filme, Balian de Ibelin, sabe-se que, de acordo com os dados historiográficos, sua data de nascimento é desconhecida. Admite-se, porém, que tenha nascido em aproximadamente 1143, constando apenas que nasceu no reino de Jerusalém e que tinha dois irmãos mais velhos. Era casado, em 1177, com a bizantina Maria Comnena (*1154 +1217), que foi segunda esposa e viúva do rei Amalrico I (*1136 +1174), com quem teve quatro filhos, e teve como enteada a futura rainha de Jerusalém, Isabela I (*1169 +1205). Balian faleceu em 1193.

A partir dessas informações, pode-se observar o quanto a história do Balian de Ibelin do filme diverge do acontecido, pois, na película, ele finda retornando para a França na companhia da rainha Sibylla – o que nunca aconteceu –, e recusando o convite do rei inglês Ricardo I Coração de Leão para lutar na terceira Cruzada. A historiografia, por sua vez, dá conta de que, mesmo derrotado pelas tropas de Saladino na batalha de Hattin (1187), Balian obtém dos árabes termos favoráveis para manter suas posses e terras, o que lhe fez permanecer na Terra Santa até o fim de seus dias.

Ao retroceder a análise para o início do filme e focar a questão espiritual, é possível verificar como a religião ordenava a vida humana, nas falas do padre da aldeia francesa, que diz a Balian: “esse povoado não quer você” – isso devido ao suicídio da esposa –, e mais, “se aceitar a cruzada, pode interceder pela alma de sua esposa no inferno. Serei gentil. Ela se matou. Está no inferno. Se bem

que o que ela faz lá sem a cabeça...” – esse fato remonta ao costume da época de cortar a cabeça de suicidas –, e complementa: “sou um padre, Deus o abandonou”.

Constata-se, assim, que, independentemente de Balian ser ou não uma pessoa de bem para sua época, temente a Deus, o ato cometido pela esposa fazia com que fosse estigmatizado na localidade, pois havia a crença de que a atitude daquela poderia trazer má sorte aos moradores – o que não deixa de ser mais um misticismo presente na crença popular cristã. Essa rejeição serve para que Balian duvide de sua fé e de Deus, e também de motivação para que a personagem rume para a Terra Santa, local central da trama.

Primeiramente, na historiografia, nada consta a respeito de Balian duvidar de sua fé. Depois, pode-se verificar a intencionalidade de que o protagonista Balian vá para Jerusalém, em uma das falas que tem com seu pai, Godfrey de Ibelin, quando esse, conhecedor do drama do filho e de sua fé, e no intuito de convencê-lo a segui-lo, menciona que “dizem que Jerusalém é o centro mundial para se pedir perdão”.

Em uma cena posterior, quando pai e filho se reencontram, Balian pergunta: “É verdade que em Jerusalém posso pagar os meus pecados e os da minha esposa?”. Mais adiante, ao chegar na cidade, Balian vai ao local onde Jesus teria sido crucificado, permanece um tempo por lá, e pergunta a Deus: “Meu Deus, o que quer de mim?”. Ao retornar, afirma que Deus não falou com ele, o que demonstra sua decepção e as dúvidas em relação à sua fé em Deus.

As cenas supracitadas podem ser tidas como totalmente ficcionais, visto que, na historiografia relativa a Ibelin, ele nunca teve residência fixa na França, nunca foi ferreiro, não teve a esposa decapitada, nem nunca questionou sua fé ou sua religião, partindo para uma terra distante em busca de redenção.

Na obra cinematográfica, quando a caminho da Terra Santa, nas proximidades de Messina, há um religioso dizendo às pessoas que por ali passavam: “matar um infiel não é crime, é o caminho para o paraíso”. Essas palavras são o reflexo do que a película visa passar como a postura da Igreja

como instituição, que tinha, nas cruzadas, uma forma de combater a disseminação de outros credos e manter a autoridade em Jerusalém.

De acordo com o filme, foi em Messina, também, que Balian cruzou pela primeira vez com Guy de Lousignan – seu principal antagonista dentro das terras cristãs, e este teria lhe dito: “quando o rei morrer, Jerusalém não será lugar para os amigos dos muçulmanos ou os traidores da cristandade como seu pai. Eu sou Guy de Lousignan, lembre-se desse nome, e de mim”.

A fala dá conta de que estavam num período sem guerras, onde as diferentes crenças tentavam viver em paz na região, porém, sempre havia os que, de ambos os lados, e por razões e interesses diversos, estavam descontentes. Guy de Lousignan era um deles. Alinhado ao discurso radical cristão, pretendia subjugar os que não professassem o catolicismo.

Vale lembrar que Guy de Lousignan (*1150 +1194) era o segundo marido da rainha Sibylla, e, portanto, candidato a rei de Jerusalém, no caso da morte do cunhado, o rei Balduíno IV⁴², conhecido como rei leproso, devido à doença que foi a causa de sua morte. Muitos veem, na narrativa fictícia, Guy como um interesseiro que se aproveitou do fato de ser casado com a rainha Sibylla, uniu-se aos Templários – detentores do aval papal –, sendo um dos que almejavam a luta contra os muçulmanos, diferentemente de Balian, que buscava conciliação e uma vivência pacífica.

O pai de Balian é representado no filme “Cruzada” como pessoa de bem, com posses, e que detinha uma certa condição social, o que não é inverossímil, já que a História oficial o retrata como um dos nobres mais prestigiados do reino e sempre relacionado ao poder. O mesmo se sucedeu com Balian, que é relatado como a pessoa que carregou nos ombros o pequeno Balduíno V⁴³ (*1177 +1186),

⁴² Balduíno, filho de Amaury I [Amalrico I] de Jerusalém e de Inês [Agnes] de Courtenay, nasceu no ano de 1160, na Cidade Santa, Jerusalém. Balduíno foi aclamado rei aos 13 anos. Balduíno IV entregou a Deus sua alma no mês de março de 1185, aos 24 anos de idade. Disponível em: <https://lepanto.com.br/balduino-iv-de-jerusalem-o-reileproso/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

⁴³ Balduíno V, filho de Sibila com 5 anos de idade. Todos os grandes barões do reino, inclusive os Ibelins, aprovaram a nomeação. [...]. Em 20 de novembro de 1183, o filho de Sibila foi nomeado corregente com o nome de Balduíno V e coroado em solene cerimônia na Igreja do

quando de sua coroação, em 1183, como comonarca de seu tio Balduíno IV, que não possuía herdeiros.

Ao corroborar o descrito quanto à condição da família Ibelin – especificamente a de Balian – como participante da alta esfera do poder em Jerusalém no século XII, Helena P. Schrader, que escreveu um livro⁴⁴ sobre Balian, sintetiza bem em seu blog a história do personagem, diferenciando a ficção da realidade.

O Balian de Hollywood nasceu bastardo, de profissão um ferreiro, sedutor de uma princesa, que retorna à obscuridade na França após a queda de Jerusalém. O histórico Balian, por outro lado, era filho legítimo de um barão de Jerusalém, nascido na Terra Santa, marido da rainha viúva e princesa bizantina Maria Comnena, membro da Alta Corte e embaixador de Ricardo Coração de Leão em Saladino (Schrader, 2016).

É possível concluir que Balian de Ibelin, assim como retrata o filme, foi, sim, um cavaleiro, um cruzado que lutou para impedir que Jerusalém retornasse às mãos dos muçulmanos, e relacionava-se com várias personagens importantes da história de Jerusalém no período. Porém, diferentemente do que é apresentado nas telas do cinema, era filho de um nobre de quem herdou posses e prestígio, e era casado com uma rainha, viúva de um rei. Tinha quatro filhos e uma enteada que era candidata ao trono de Jerusalém, Isabela I.

Ao se referir aos Ibelin, Monteiro (2015, p. 22) compara-os às famílias dos maiores barões do reino de Jerusalém, e reforça seu status ao descrever: “... Balião de Ibelin (cuja família dava cartas no sul da Terra Santa...)”. Assim sendo, é possível inferir que não somente Balian, mas a família Ibelin, em geral, como agentes importantes na época, tanto no aspecto social, com a realização de matrimônios úteis à obtenção e à manutenção de poderio e notoriedade, quanto no aspecto político e bélico, lutando para manter Jerusalém cristã e influenciando as tomadas de decisões dos concelhos, nobres e regentes, afinal, faziam parte da alta corte de Jerusalém.

Santo Sepulcro. Disponível em: <https://www.historiamedieval.com/post/baldu%C3%ADno-iv>. Acesso em: 13 dez. 2024.

⁴⁴ SCHRADER, Helena P. *Balian d'Ibelin: Knight of Jerusalem*. Book I. Tucson: Wheatmark, 2020.

Considerações

O filme “Cruzada” é, sem dúvida, uma ótima opção para estudar vários aspectos do Medievo por meio de uma obra cinematográfica, mas também é o reflexo da visão do diretor – que se utiliza em profusão da licença poética durante boa parte de sua obra – e, apesar de proporcionar boas cenas de ação e intrigas, não é dotado de muita precisão histórica. Embora algumas cenas tenham realmente acontecido, a maioria delas é pura ficção – o que é esperado de uma produção feita comercialmente visando à lucratividade.

Dentre os acontecidos que são representações mais historicamente apuradas, pode-se elencar – entre outras –, a aliança entre Guy de Lousignan e Reynald de Chatillon – incluindo os Cavaleiros Templários – o que fomentou hostilidades e a guerra contra os muçulmanos; a utilização de uma máscara por Balduíno IV para esconder seu rosto deformado pela lepra, tendo ele falecido jovem; a vitória de Saladino na Batalha de Hattin, na retomada do controle de Jerusalém; e, no que diz respeito a Balian, o fato de que realmente era casado e filho de um barão, e conseguiu sair com vida do confronto de Hattin, tendo selado um acordo com o líder muçulmano, o que favoreceu não só a si, mas a muitos outros cristãos.

Ademais, ainda sobre o que se refere ao protagonista, a história que é retratada na trama é quase que majoritariamente ficcional. Como já mencionado, sua esposa nunca cometeu suicídio, nunca perdeu um filho criança e nem duvidou de sua fé. Balian em nenhum momento foi ferreiro no interior da França, nem posteriormente deixou Jerusalém para retornar a viver nesse país, muito menos acompanhado da rainha Sibylla.

Na obra em estudo, fica perceptível que muçulmanos e cristãos usufruíam dos mesmos privilégios, quando não foi bem assim que se sucedeu. Acerca de outras figuras históricas que não foram retratadas adequadamente na película, estão Saladino e Balduíno IV, pois ambos aparecem como soberanos sábios e mais laicos em contraste aos fanáticos religiosos, o que é parte da mensagem que o diretor busca retratar, não dos escritos históricos da luta de poder temporal e secular que eles representavam.

Saladino é mostrado como o contraponto árabe do rei Balduíno IV, como tolerante, mas era um líder guerreiro muçulmano que utilizou cativos como escravos. Balduíno IV, por sua vez, é retratado como o exemplo do rei perfeito, mas que forçou, todavia, muitos muçulmanos a deixarem as terras por ele conquistadas. Ambos chegaram a assinar uma trégua de dois anos (MONTEIRO, 2015, p. 26), que não resolveu os problemas entre cristãos e muçulmanos.

Sem a intenção de alongar demais a análise de personagens específicos, há outros pontos possíveis de observação, pois as diferenças sociais, econômicas, artísticas, étnicas e até mesmo tecnológicas seriam passíveis da escrita de uma tese sobre a representação que a obra Hollywoodiana faz acerca das Cruzadas, do Medievo e do Oriente Médio.

Outra situação que diverge do real, e é compreensível, uma vez que “Cruzada” é uma obra de ficção, é que, embora existam diferenças linguísticas entre os povos e personagens existentes, na trama, todos falam a língua inglesa; é certo que alguns extratos da população no Oriente – como reis, nobres, grandes comerciantes e religiosos – deviam ter conhecimento desse idioma, mas não a quase totalidade, como é demonstrado; prefere-se a comunicação em grego, latim ou mesmo em árabe.

No que se refere ao cinema, assim como outras mídias, ele é uma importante fonte de lazer e divulgação de conhecimento, todavia, é preciso ter cuidado, pois nem tudo que é transmitido é reflexo do real, e corre-se o risco de informar fatos históricos de forma errônea. No caso em questão, a história foi distorcida a fim de “caber” na tela do cinema, ou seja, não demonstra o Medievo real, mas aquele do diretor e do cinema Ocidental.

Em outras palavras, o filme, que não tem preocupação com a veracidade histórica da Idade Média, pretende ser um épico de ação, um filme de guerra que carrega a reflexão da sociedade contemporânea transparecida na época, buscando, assim, um elo entre o conflito presente, a História e tradição da região, e das relações entre Ocidente e Oriente com o começo do século XXI.

Ainda, tendo em vista a posição representada pela película, pode-se denotar a descaracterização, não apenas do mundo medieval, mas das percepções dos povos que habitam a área na contemporaneidade.

Assim sendo, a linguagem cinematográfica se caracteriza como uma rica fonte para estudos históricos, nesse caso, sobre a época medieval, a religiosidade, os confrontos bélicos e as ligações de poder.

Após a exibição do filme em sala de aula, os professores têm a possibilidade de realizar várias atividades com os alunos, como debates, confecção de linha do tempo, murais, relatórios, estudos de reconstituição de época e costumes, entre outras. Essas práticas pedagógicas envolvem o aluno na busca do conhecimento, tornando a aprendizagem mais atraente e efetiva, capacitando-os a entenderem o que é fato histórico ou invenção contemporânea na obra que foi assistida. E é nesse momento que o professor toma seu lugar de destaque, agindo como mediador desse conhecimento para os estudantes. Trata-se, contudo, de mediação que precisa ser efetuada de formas inovadoras, por meio do uso do cotidiano dos alunos e das atividades para criar uma ponte que viabilize a compreensão do passado através do presente.

Assim, essa obra fílmica transparece primeiramente o que o diretor R. Scott quis demonstrar dentro do contexto do começo do século XXI e dos ataques de onze de setembro. Filmes desse tipo, apesar de agirem para manter vivo o interesse do público pelo Medieval, distorcem fatos históricos que podem ser entendidos erroneamente pelos espectadores – algo que ocorre há muito tempo – e que evidenciam muito mais sobre a sociedade em que foram feitos do que a que retratam.

REFERÊNCIAS

AIC. Academia Internacional de Cinema. História do Cinema: da sua origem aos dias de hoje. *AIC*, 2023. Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/historia-do-cinema-da-sua-origem-aos-dias-de-hoje/>.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf. Acesso em: 04 fev. 2025.

CAPELATO, Maria Helena; MORETTIN, Eduardo; SALIBA, Elias Tomé. *História e cinema*. São Paulo: Alameda, 2007.

FERRO, Marc. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LE GOFF, Jacques. *Para Um Novo Conceito de Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

MORÁN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. *Comunicação & Educação*, n. 2, p. 27-35, 1995. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/36131>.

MONTEIRO, João Gouveia (Coord). *Guerra e Poder na Europa Medieval: das Cruzadas à Guerra dos 100 anos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. *Sertão dilacerado: Glauber Rocha e os outros da nação*. 2025, no prelo.

RADUNZ, Roberto; RAMPAZZO, Henrique B. Peste Negra: uma análise filmográfica para sala de aula. *Revista Latino-Americana de História*, São Leopoldo – RS, v. 10, n. 25, p. 175-192, 2021.

RAMPAZZO, Henrique B. *Da Tinta ao Sangue: o ensino de Idade Média a partir de Game of Thrones*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2022.

SCHRADER, Helena P. Balian d'Ibelin and the Third Crusade. Understanding ourselves by understanding the past. *Blog*, 2016. Disponível em:

<https://schradershistoricalfiction.blogspot.com/2016/08/balian-dibelin-and-third-crusade.html>. Acesso em: 15 dez. 2024.